

2. "OBJETO INCORPORADO" - da gramática ao discurso

2.1. Caracterização do "objeto incorporado"

Como se sabe, a tradição gramatical do português tem dado tratamento uniforme às orações cuja configuração formal apresenta-se como (SN) - V - SN, considerando que todas portam verbo transitivo direto.

Um exame minucioso do SN objeto de muitas dessas estruturas, no entanto, sugere-nos diferenças morfo-sintáticas e semântico-pragmáticas interessantes, que justificam arrolá-las em pontos diversos numa escala de transitividade, concebida nos moldes de Hopper e Thompson (1980).

É meu objetivo, a seguir, analisar um tipo de construção que se afasta das transitivas prototípicas, anteriormente discutidas, no que concerne principalmente à caracterização do complemento verbal. Considerem-se, pois, os seguintes dados:¹

(13) "Fui buscar menino no colégio (...)". (av)

(14) "É que tinha uma rede na casa de minha avó. Então a gente vivia procurando árvore para colar a rede."

- (15) "(...) mas aí (as doentes mentais) foram pegar ca-
rona e lá é BR, fica super escuro, agora é que eles
estão colocando luzes lá."
- (16) "Ela não vai dar aula no próximo semestre". (av)
- (17) "Tinha um intervalo de dez minutos pra tomar...
é... tomar café, um outro na hora do almoço, mas,
num era pra almoçar, era só pra comer um sanduí -
che(...)"

Inicialmente, observa-se que os nomes objetos dos verbos aci-
ma grifados apresentam-se em sua forma básica, sem flexão quer
de plural quer de feminino, conforme o caso. Além disso não vêm
marcados pelo artigo ou outro determinante. Também não estão a-
companhados de adjetivos ou outros modificadores. Acrescente-se
a isso o fato de serem não-referenciais, isto é, não se referem
a um indivíduo/uma entidade em particular no Universo do Discur-
so, construído e negociado entre falante e ouvinte². Portanto
não são tópicos, no sentido de Givón (1984:137 e 388 ss)³. Com-
pare-se, por exemplo, (13) a (18):

(18) Fui buscar a filha de Maria no colégio.

Na oração acima, o SN a filha de Maria é marcado como feminino/
singular, definido e referencial. Ou seja: trata-se de uma pes-
soa específica, bem individualizada, a respeito da qual pode-se
continuar falando.

Levando-se em conta que um dos traços dos pacientes típicos

refere-se ao grau de individuação/distintividade tanto em relação ao sujeito quanto em relação à sua classe, conforme já vimos, nota-se de saída que falta tal característica nos objetos de (13) a (17), o que não ocorre em (18), ou também em (19):

(19) Pedro derrubou o menino baixinho.

Apoiando-se, ainda, na crença de que os objetos que são mais nitidamente individuados são pacientes potencialmente mais passíveis de serem totalmente afetados pela ação, segundo os parâmetros já discutidos, pode-se confirmar um corte entre os dados de (13) a (17) e os de (18)-(19) também com referência a esse critério. Em (18)-(19) há claramente a sugestão de que, a partir da ação executada pelos sujeitos, algo aconteceu com os objetos a filha de Maria e o menino baixinho, pacientes típicos. Já as estruturas de (13) a (17) são mais neutras com relação a essa sugestão. Assim, por exemplo, a oração (13) foi enunciada por mim numa situação em que desejava justificar um atraso. Não era minha intenção introduzir menino como tópico do discurso, participante ao qual faria referência posterior, tanto que essa estrutura foi assim complementada: "Fui buscar menino no colégio e acabei demorando (...)". Na verdade, eu havia buscado minha filha e meu vizinho, mas naquele contexto não havia necessidade de identificar os objetos, uma vez que o que me interessava comunicar era o fato de buscar menino enquanto um todo.

As observações acima aplicam-se a todos os dados de (13) a (17). Veja-se, por exemplo, que em (14) não há referência a uma

árvore em especial, que desempenha um papel no discurso posterior, mas focaliza-se a idéia de procurar árvore sob uma perspectiva global, como se se tratasse de um determinado tipo de ação. O mesmo é verdade, ainda, para (15), (16) e (17), em que os elementos grifados (verbo + complemento) são considerados como uma idéia unitária⁴.

Portanto o objeto dessas sentenças, não sendo apresentado como um participante efetivo, passível de ser tópico do discurso, perde muitas de suas características prototípicas. Tal observação pode sugerir-nos a hipótese de que os dados de (13) a (17) ilustrariam, em português, um tipo de "incorporação (ou semi-incorporação) de objeto", caso que poderia ser aproximado ao que ocorre em outras línguas, como o "Ute", Copta e Inglês, para citar apenas algumas.

Givón (1984) - dentre outros, como Du Bois (1980) e Hopper e Thompson (1980), que estudaram essa construção - assinala que se trata de um dos vários recursos de que as línguas dispõem para o rebaixamento ou demoção do "status" de objetos previsíveis, estereotipados, não-referenciais ou topicamente não-relevantes. Assim, por exemplo, nas línguas ergativas, há as estruturas de nominadas anti-passivas, que ilustram um desses processos.⁵

Também as regras de movimento de dativo e cancelamento de objeto não-especificado, abaixo exemplificadas, em português, em (20) e (21), respectivamente, seriam mecanismos similares, que codificam a ausência, ou um menor grau, de saliência semântico-pragmática do paciente⁶:

(20) a) "Pede seu pai um (carro)".⁷

b) "Entregue vovô os óculos".

(21) A galinha já botou (ovo).⁸

Logo, o processo de "incorporação de objeto" ao verbo aproxima-se de outros fenômenos que resultam na supressão do "status" do objeto direto e, conseqüentemente, na redução da transitividade da oração como um todo.

Nas línguas que ilustram tipicamente essa regra, um objeto não-referencial (aquele cuja identidade individual não importa para os propósitos da comunicação) perde muitas de suas características morfológicas e se incorpora ao radical verbal, à semelhança de um morfema, formando um único item léxico e perdendo seu estatuto de palavra independente. Desse modo, sintaticamente, o verbo manifesta-se sem complemento. (Cf. Givón, 1984:108 e 414 ss.).

Copta, uma língua nominativa como o inglês e o português, exemplifica bem esse caso. Nessa língua, os objetos referenciais definidos ou indefinidos apresentam-se com um prefixo próprio, que identifica o acusativo. Já os não-referenciais, além de perderem essa marca, incorporam-se ao verbo da forma acima descrita. Comprove-se com os seguintes dados fornecidos por Givón (op. cit. p. 416):

- (22) a) a - f - muut m - p - esou (DEF, OBJ)
 ASP - he - kill OBJ - DEF - sheep
 'He killed the sheep'
 (Ele matou o carneiro)
- b) a - f - muut n - u - esou (REF- INDEF,OBJ)
 ASP - he - kill OBJ - INDEF - sheep
 'He killed a sheep'
 (Ele matou um carneiro)
- c) a - f - meut - esou (GENÉRICO, OBJ)
 ASP - he - kill - sheep
 'He did some sheep-killing'
 (Ele matou -carneiro)

O inglês também ilustra fatos semelhantes, com sintagmas verbais nominalizados como em:

- (23) "They went out pear-picking yesterday."
 (Du Bois, *op. cit.* p. 215)
 (Eles saíram para apanhar-pera ontem.)
- (24) a) "He did some deer-hunting."
 (Ele foi caçar-cervo.)
 b) "He hunted the/a deer."
 (Ele caçou o/um cervo.)
 (Cf. Givón, *op. cit.*, p. 414)

Em (24) (b), por exemplo, um cervo específico, referencialmente único, deve estar envolvido no processo; já em (a), é mais provável que o sujeito tenha caçado vários cervos, ou gasto um tempo considerável caçando qualquer cervo que encontrasse. Refere-se, pois, a cervo em geral.

Reiterando o que disse anteriormente, até certo ponto as orações de (13) a (17), e outras que analisarei a seguir, podem ser aproximadas das estruturas de "objeto incorporado" acima descritas.

Em nossa língua, alguns traços desse tipo de construção já foram destacados: o nome apresenta-se na sua forma básica (sem flexão); não vem marcado por determinantes ou caracterizado por adjetivos ou quaisquer outros modificadores; semanticamente não é um paciente típico, bem individuado e totalmente afetado pela ação/evento, devido à sua leitura não-referencial; conseqüentemente, do ponto de vista pragmático, não é um participante efetivo, manipulável posteriormente no texto, ou seja, não é tópico do discurso.

Em decorrência desses traços, pode-se observar uma outra peculiaridade do "objeto incorporado" em português: não aceita anáfora pronominal na função de sujeito. Considerem-se, por exemplo, (25) e (26), correspondentes, respectivamente, a (13) e (14):

(25) *"Fui busca: menino_i no colégio" e ele_i não estava lá."⁹

(26) *"É que tinha uma rede na casa de minha avô. Então a gente via procurando árvore_i para colocar a rede." Ela_i tinha de ser alta.

As estruturas acima, conforme previsto, são pouco naturais, uma vez que os pronomes sujeitos grifados referem-se a SNs que não

foram introduzidos como tópicos. O mesmo não ocorre com as sentenças (18) e (19), retomadas abaixo em (27) e (28), em que os objetos considerados são introduzidos como argumentos passíveis de terem papel de relevo no texto ulterior. Confrontem-se (25) e (26) com (27) e (28):

(27) Fui buscar a filha de Maria no colégio, mas ela não estava lá.

(28) Pedro derrubou o menino baixinho, mas ele não se machucou.

Ainda outros dados confirmam a característica verificada em (25) e (26). Observem-se os seguintes exemplos:

(29) * "Então ela tá com vinte anos, tá independente, morando com esse cara, vestindo bem, trabalhando, fazendo sucesso, né?" Ele passa a incomodar seus familiares.

(30) * "(...) tinha um problema... que a mãe dela sendo cardíaca não podia ficar sozinha em casa. E nesse meio tempo, os irmãos dela revezariam, né?... e... a fazer companhia pra mãe(...)." Ela tinha de ser de boa vontade.

(31) * "O caso do abacaxi é que me deu coragem de dizer... não às explorações acontecidas aqui no pensionato." Ela foi maior do que eu poderia imaginar.

(32) * "(...) por acaso, nós entramos numa churrascaria lá, e a churrascaria daquelas assim que é a família é que toma conta, pai, mãe, filhos, todo mundo." Ela é necessária devido à falta de mão-de-obra para empregar.

- (33) * "(...) o professor entrou, tomou lugar à mesa, sentou-se, tranqüilamente, mais tranqüilamente afastou a bandeja que continha o capim, deu início à aula (...)." Ele foi interrompido pela risada dos alunos.
- (34) * "Sábado é dia de fazer mercado e limpar a casa." Ele fica aberto só até meio-dia.

Também os casos de (29) a (34) devem a sua estranheza ao fato de "objetos incorporados" serem retomados, posteriormente no discurso, pela anáfora pronominal na função de sujeito.

A seguir chamo a atenção para mais um traço dos complementos verbais em tela, ainda relacionado com as questões acima destacadas: não admitem que os clínicos -o/a (ou os pronomes ele/ela na função de objeto direto) façam referência a eles.

A propósito desse critério, seria esclarecedor abrir-se um parêntese para discutirmos a posição adotada em Perini (1989), com a qual não concordo inteiramente. Em seu trabalho, o autor procura caracterizar o objeto direto prototípico com base numa matriz de traços formais. Para ele o objeto direto é aquele constituinte com as seguintes propriedades:

- não está em relação de concordância com o núcleo do predicado, abreviadamente [₁- CV];
- pode ser anteposto livremente: [+ Ant];
- pode ser retomado pelo elemento (0) que/quem: [+ Q];" (Perini (1989:24,1)

Perini deixa de fora dessa matriz o critério, usualmente citado pelos gramáticos, da possibilidade de retomada deste constituin-
te pelas formas oblíquas -o/a. Sua justificativa é a de que "e-
xistem restrições gerais à retomada pronominal (...), que são
pouco conhecidas, e que podem impedir que o OD seja retomado a-
través de um pronome." (Cf. op. cit., p. 97). Cita como exemplo
SNs genéricos, como:

(35) "Tião cultiva bananas, e Graça pretende também
cultivar (* - las)".¹⁰

Para o autor, "o oblíquo só seria aceitável aí na acepção (algo
estranha) de que Graça pretende cultivar as mesmas bananas que
Tião já cultiva, isto é, se bananas fosse tomado em sentido não-
genérico". Devido a problemas como esses, ele descarta o traço da
matriz apresentada. Reconhece, no entanto, que tal critério tem
"valor heurístico", servindo para "identificar sem dúvidas certos
ODs, partindo-se da observação de que se um SN pode ser pronomi-
nalizado em -o/a, (...) então é um OD." (p. 98). O problema, para
ele, existiria para aqueles dados "que vale a pena considerar co-
mo ODs, mas que recusam a pronominalização."

A minha objeção a essa posição liga-se à justificativa ofe-
recida para a não inclusão do referido traço na matriz citada.
Na realidade, se o autor está trabalhando à luz de uma concep-
ção prototípica dos fatos lingüísticos, é de se esperar que nem
todos os traços do protótipo de uma classe sejam compartilhados
por todos os membros da classe. Segundo essa abordagem, os exem-

plôs menos típicos afastar-se-iam do protótipo exatamente na medida em que não tivessem certas características deste.

Se observarmos a estrutura analisada por Perini, verificaremos que a impossibilidade da aplicação do critério discutido é justamente um argumento a favor de se considerar o complemento da sentença como menos típico que, por exemplo, o das orações (1) deste texto. Esse fato, inclusive, está em consonância com os critérios semântico-pragmáticos até aqui discutidos. Bananas, na frase em pauta, não é um paciente típico, totalmente afetado pela ação, argumento manipulável no discurso. Por isso recusa a anáfora pronominal.

Penso, pois, que o critério descartado por Perini pode ser uma peculiaridade daqueles casos mais típicos. Sendo assim, poderá ser aqui usado como mais uma evidência da não tipicidade do "objeto incorporado", que estamos considerando em contraposição com o complemento do verbo das frases transitivas típicas. Para essas a pronominalização do objeto é possível, o que não é verdade para as outras. Considerem-se, novamente, as estruturas (13) e (14). Seria estranho acrescentar aí coordenadas que apresentassem o pronome oblíquo (ou o pronome ele/ela objeto), como em:

(36) * "Fui buscar menino_i no colégio", mas não o_i encontrei (não encontrei ele_i).

(37) * "(...) a gente vivia procurando árvore para colocar a rede", mas nossas vizinhas não nos ajudavam a procurá-la (*ela).

Já em (38)-(39), portadoras de pacientes típicos, isso pode ocorrer:

(38) Fui buscar a filha de Maria no colégio, mas não a encontrei (ela).

(39) Pedro derrubou o menino baixinho, mas não o machucou (ele).

Portanto, parece correta a afirmação de que a ausência do traço referido seria mais uma particularidade das construções de "objeto incorporado". Ainda fornecem evidência a esse respeito os seguintes exemplos:

(40) * "(...) E nesse meio tempo, os irmãos dela revezariam, né?" (...) a fazer companhia pra mãe (...)", pois não havia ninguém para fazê-la.

(41) * "(...) é a família é que toma conta (da churrascaria), pai, mãe, filhos, todo mundo". devido à falta de outras pessoas para tomá-la.

- (42) * "Ela vive dando mancada nas festas", mas ontem,
por milagre, ela não a deu.
- (43) * "É, doutora, cê tem que tomar cuidado", se não to-
mã-lo isso pode virar pneumonia.

Todos os casos acima parecem-nos pouco prováveis de ocorrer, devido à referência do pronome ao "objeto incorporado", elemento sem muita chance de ser tratado como tópico discursivo.

Outras regras passíveis de serem aplicadas a estruturas transitivas prototípicas e que parecem inadequadas para as construções em foco são a anteposição do complemento verbal e a sua retomada pelo elemento (o)que/quem. Tais regras compõem a matriz de traços do objeto direto elaborada por Perini (1989), anteriormente citada. Atente-se para os dados abaixo:

- (44) a) Maria deu o vestido de renda para Carlota.
b) O vestido de renda, Maria deu para Carlota.
- (45) a) Mamãe fez este bolo cremoso para o Zê.
b) Este bolo cremoso, mamãe fez para o Zê.

Nessas estruturas, segundo previsto por Perini, parece ser possível o transporte do objeto direto típico para o início da frase. Essa regra permite, inclusive, a presença de um "pronome-cópia", conforme ilustrado a seguir com sentenças características do português coloquial:

- (46) O vestido de renda, Maria deu ele para Carlota.

(47) Este bolo cremoso, mamãe fez ele para o Zé.

Fatos semelhantes não são observados em orações com "incorporação de objeto". O movimento desse constituinte para o início da frase geralmente é bloqueado. E mesmo nos casos em que não chega a ser propriamente inaceitável, pode-se observar que, em confronto com estruturas transitivas mais típicas, a anteposição do "nome incorporado" é sempre menos natural. Confrontem-se (44)-(47) com os seguintes exemplos:

- (48) a) Maria vive dando mancada nas festas.
 b) *Mancada, Maria vive dando nas festas.
- (49) a) Zequinha deu adeus para a professora.
 b) *Adeus, Zequinha deu para a professora.
- (50) a) Pedro fez companhia para Mariana.
 b) *Companhia, Pedro fez para Mariana.
- (51) a) Maria deu corda para o vendedor.
 b) *Corda, Maria deu para o vendedor.
- (52) a) Chiquinha vive fazendo bico para o namorado.
 b) *Bico, Chiquinha vive fazendo para o namorado.
- (53) a) A família toma conta da churrascaria.
 b) *Conta, a família toma da churrascaria.
- (54) a) Eles gostavam de cultivar tradição.
 b) ? Tradição, eles gostavam de cultivar.
- (55) a) Ela fez exame na menina.
 b) ? Exame, ela fez na menina.
- (56) a) Marlene vai dar aula no próximo semestre.
 b) ? Aula, Marlene vai dar no próximo semestre.

A presença do "pronome-cópia" não torna essas sentenças mais aceitáveis. A propósito, como é de se esperar, esse elemento, inclusive, reforça a estranheza das orações. Comprove-se com alguns dos exemplos citados:

- (57) *Mancada_i, Maria vive dando ela_i nas festas.
- (58) *Companhia_i, Pedro fez ela_i para Mariana.
- (59) *Bico_i, Chiquinha vive fazendo ele_i para o namorado.
- (60) *Tradição_i, eles gostavam de cultivar ela_i.
- (61) *Aula_i, Marlene vai dar ela_i no próximo semestre.

Conforme asseverado antes, mesmo nos exemplos em que a anteposição do "objeto incorporado" parece viável para alguns falantes do português, pode-se verificar que, em comparação com os dados mais típicos, mostra-se menos aceitável. Confrontem-se as orações (b) de (54) a (56) com as de (62) a (64), respectivamente:

- (62) As tradições do Nordeste, eles gostavam de cultivar.
- (63) Uma tatuagem bonita, ela fez na menina.
- (64) O curso de inglês instrumental, Marlene vai dar no próximo semestre.

O outro traço característicos dos objetos canônicos, citado por Perini, é a possibilidade de sua retomada pelos elementos

(o)que/quem, em pares de pergunta/resposta, conforme atestado em (65) e (66):¹¹

(65) a) João foi buscar a filha de Maria no colégio.

- b) { P. Quem João foi buscar no colégio?
R. A filha de Maria.

(66) a) Marlene deu o curso de inglês instrumental no semestre passado.

- b) { P. O que Marlene deu no semestre passado?
R. O curso de inglês instrumental.

A letra (b) dos exemplos acima ilustra a adequação deste tipo de pergunta/resposta para as estruturas transitivas mais típicas.

Com relação às sentenças de "objeto incorporado", todavia, os fatos são diferentes. De um modo geral, parece inaceitável essa retomada pelos pronomes (o)que/quem. Contudo há casos em que a aplicação desta regra de pergunta/resposta não é totalmente impossível. Se comparados, no entanto, ao comportamento das transitivas canônicas, parecem menos naturais. Examinem-se os dados abaixo:

(67) a) João foi buscar menino no colégio.

- b) * { P. Quem João foi buscar no colégio?
R. Menino.

(68) a) Marlene deu aula no semestre passado.

- b) * { P. O que Marlene deu no semestre passado?
R. Aula

Os exemplos de (67)-(68), mesmo para aquelas pessoas que os acei-
tam, são bem piores que os de (65)-(66).

Ainda outras sentenças ilustram as observações anteriores.

Verifiquem-se:

(69) a) Zequinha deu $\left\{ \begin{array}{l} \text{adeus} \\ \text{corda} \end{array} \right\}$ para a professora.

b) * $\left\{ \begin{array}{l} \text{P. } \underline{\text{O que}} \text{ Zequinha deu para a professora?} \\ \text{R. } \left\{ \begin{array}{l} \text{Adeus.} \\ \text{Corda.} \end{array} \right\} \end{array} \right.$

(70) a) Chiquinha vive fazendo bico para o namorado.

b) * $\left\{ \begin{array}{l} \text{P. } \underline{\text{O que}} \text{ Chiquinha vive fazendo para o namorado?} \\ \text{R. Bico.} \end{array} \right.$

(71) a) Pedro fez companhia para Mariana.

b) * $\left\{ \begin{array}{l} \text{P. } \underline{\text{O que}} \text{ Pedro fez para Mariana?} \\ \text{R. Companhia.} \end{array} \right.$

(72) a) Ela fez exame na menina.

b) ?? $\left\{ \begin{array}{l} \text{P. } \underline{\text{O que}} \text{ ela fez na menina?} \\ \text{R. Exame.} \end{array} \right.$

(73) a) Eles gostavam de cultivar tradição.

b) ?? $\left\{ \begin{array}{l} \text{P. } \underline{\text{O que}} \text{ eles gostavam de cultivar?} \\ \text{R. Tradição.} \end{array} \right.$

(74) a) Maria vive dando mancada nas festas.

b) * $\left\{ \begin{array}{l} \text{P. } \underline{\text{O que}} \text{ Maria vive dando nas festas?} \\ \text{R. Mancada.} \end{array} \right.$

(75) a) A família toma conta da churrascaria.

b) * $\left\{ \begin{array}{l} \text{P. } \underline{\text{O que}} \text{ a família toma?} \\ \text{R. Conta da churrascaria.} \end{array} \right.$

(76) a) Pedro prestou atenção ao desfile das candidatas.

b) * $\left\{ \begin{array}{l} \text{P. } \underline{\text{O que}} \text{ Pedro prestou?} \\ \text{R. Atenção ao desfile das candidatas.} \end{array} \right.$

(77) a) Ela deu parte do crime à polícia.

b) * $\left\{ \begin{array}{l} \text{P. } \underline{\text{O que}} \text{ ela deu à polícia?} \\ \text{R. Parte do crime.} \end{array} \right.$

Os três últimos exemplos apresentam algumas diferenças que justificariam arrolá-los em um grupo separado dos demais numa taxonomia dos "objetos incorporados". Porém, para o que nos interessa no momento, podem ser aqui incluídos, uma vez que demonstram a inadequação do par pergunta/resposta para a estrutura em questão.

Comparem-se, ainda, orações como as de (72) e (73), respectivamente, com (78) e (79):

(78) a) Ela fez uma tatuagem bonita na menina.

b) $\left\{ \begin{array}{l} \text{P. } \underline{\text{O que}} \text{ ela fez na menina?} \\ \text{R. Uma tatuagem bonita.} \end{array} \right.$

(79) a) Eles gostavam de cultivar as tradições do Nordeste.

b) $\left\{ \begin{array}{l} \text{P. } \underline{\text{O que}} \text{ eles gostavam de cultivar?} \\ \text{R. As tradições do Nordeste.} \end{array} \right.$

Essas últimas sentenças são bem melhores que (72) e (73), confir

mando as previsões assinaladas.

É útil insistir, mais uma vez, que, tendo em vista os pressupostos teóricos deste texto, que abrem espaço para um tratamento escalar dos fatos lingüísticos, não se espera um comportamento uniforme de todos os dados analisados, nem julgamentos idênticos de todos os falantes. Os exemplos mais típicos de uma determinada classe suscitam menos controvérsias, ao passo que as intuições costumam flutuar quando se trata de casos mais marginais. Deve-se, pois, fazer uma leitura dos julgamentos registrados não em termos absolutos, mas em termos de um grau maior ou menor de aproximação ao parâmetro estabelecido.

Continuando a ter esses pressupostos em mente, pode-se registrar mais uma peculiaridade das construções em pauta. A clivagem do "objeto incorporado", em geral, soa mais estranha que a do objeto canônico; há casos, inclusive, que parece mesmo impossível de ocorrer. Comparem-se os exemplos de (80) e (81) com os de (82) a (87):

(80) Foi a filha de Maria que João foi buscar no colégio.

(81) Foi um perfume que ela deu para o namorado.

(82) ?? Foi menino que João foi buscar no colégio.

(83) ?? Foi satisfação que ela deu para o namorado.

(84) ?? Foi companhia que Pedro fez para Joana.

(85) * Foi corda que ela deu para o vendedor.

(86) * Foi parte do crime que ela deu à polícia.

(87)* É conta que a família toma da churrascaria.

É conta da churrascaria que a família toma.

Como discutirei mais adiante, apesar de, no nível da gramática, examinando-se sentenças isoladas de contexto, anteposição e clivagem do "objeto incorporado" não serem regras bloqueadas para todos os casos, nos discursos efetivamente produzidos - dos 110 exemplos detectados - não houve um sequer que ilustrasse a aplicação dessas regras.

Com relação ao par pergunta/resposta, dada a natureza narrativa dos textos examinados, não era de se esperar que ocorressem exemplos desse tipo de retomada pronominal. Porém, mesmo em textos avulsos de conversação, que tive oportunidade de analisar, e em que diálogos dessa natureza são previsíveis, não detectei um único caso de "objeto incorporado" nas condições descritas pela regra.

Neste ponto gostaria de retomar uma característica semântica das construções em exame: nessas estruturas, verbo + complemento formam um conjunto semanticamente coeso, traduzem uma idéia unitária. Essa leitura, a propósito, coaduna-se com os outros traços, já referidos, das orações de "objeto incorporado". Conforme procurei demonstrar, o "nome incorporado" não é um paciente típico, não é interpretado como um participante claramente individualizado ([+ referencial]) e afetado pela ação/evento, argumento com possibilidade de desempenhar uma função de relevo no discurso posterior. Portanto a falta de saliência semântico-pragmática desse elemento favorece a interpretação de verbo + nome como um fato

global.

Como evidência a favor dessas considerações, gostaria de destacar a seguinte particularidade: as sentenças de "objeto incorporado", com a intercalação de sintagmas adverbiais de modo entre o verbo e o complemento, soam mais artificiais que aquelas em que os adverbiais vêm pospostos à expressão. Verifiquem-se:

- (88) a) Ela deu adeus $\left\{ \begin{array}{l} \text{carinhosamente} \\ \text{alegremente} \end{array} \right\}$ para mim.
- b) Ela deu adeus para mim $\left\{ \begin{array}{l} \text{carinhosamente} \\ \text{alegremente} \end{array} \right\}$.
- c) ?? Ela deu $\left\{ \begin{array}{l} \text{carinhosamente} \\ \text{alegremente} \end{array} \right\}$ adeus para mim.
- (89) a) Eles me fizeram companhia $\left\{ \begin{array}{l} \text{espontaneamente} \\ \text{de boa vontade} \end{array} \right\}$.
- b) ?? Eles me fizeram $\left\{ \begin{array}{l} \text{espontaneamente} \\ \text{de boa vontade} \end{array} \right\}$ companhia.
- (90) a) Parece que ele deu mancada $\left\{ \begin{array}{l} \text{de propósito} \\ \text{propositalmente} \end{array} \right\}$.
- b) ?? Parece que ele deu $\left\{ \begin{array}{l} \text{de propósito} \\ \text{propositalmente} \end{array} \right\}$ mancada.
- (91) a) Fui buscar menino no colégio rapidamente.
- b) ?? Fui buscar rapidamente menino no colégio.
- (92) a) "Eu tenho olhado com outros olhos os meus amigos que usam álcool" $\left\{ \begin{array}{l} \text{sem controle} \\ \text{excessivamente} \end{array} \right\}$.
- b) ?? Eu tenho olhado com outros olhos os meus amigos que usam $\left\{ \begin{array}{l} \text{sem controle} \\ \text{excessivamente} \end{array} \right\}$ álcool.

- (93) a) "O Collor de Melo (...) é um cara que tã sendo bem produzido... que faz parte do esquemão anti-go" ativamente.
- b) ?? O Collor de Melo é um cara que tã sendo bem produzido... que faz ativamente parte do esquemão antigo.
- (94) a) Ela fazia mercado alegremente: era uma desculpa para sair de casa.
- b) ?? Ela fazia alegremente mercado: era uma desculpa para sair de casa.
- (95) a) Gosto de tomar café $\left. \begin{array}{l} \underline{\text{vagarosamente}} \\ \underline{\text{bem devagar}} \\ \underline{\text{aos pouquinhos}} \end{array} \right\}$.
- b) ?? Gosto de tomar $\left. \begin{array}{l} \underline{\text{vagarosamente}} \\ \underline{\text{bem devagar}} \\ \underline{\text{aos pouquinhos}} \end{array} \right\}$ café.

Repare-se, no entanto, que a colocação típica dos adverbiais de modo em português, segundo assinalado em Saraiva (1978), é a posição imediatamente após o verbo. De acordo com as previsões desse trabalho, os advérbios de modo distribuem-se com liberdade pós-verbalmente, embora se possa observar que quanto mais se afastam do verbo ao qual se referem, mais difícil é o processamento/ a compreensão da sentença. Os casos em que o advérbio vem justaposto ao verbo facilitam a interpretação da estrutura. Comparem-se (96) e (97):

(96) Maria cumprimentou naturalmente sua rival, no merca

do, hoje cedo.

- (97) Maria cumprimentou sua rival, no mercado, hoje cedo, naturalmente.

Hã casos, inclusive, com os advérbios bem e mal, em que as únicas colocações naturais são logo após o verbo ou, no máximo, após um SN simples. Vejam-se os exemplos:

(98) a) Sônia Braga interpretou $\left\{ \begin{array}{l} \underline{\text{bem}} \\ \underline{\text{mal}} \end{array} \right\}$ D. Flor.

b) Sônia Braga interpretou D. Flor $\left\{ \begin{array}{l} \underline{\text{bem}} \\ \underline{\text{mal}} \end{array} \right\}$.

(99) a) Maria cantou $\left\{ \begin{array}{l} \underline{\text{bem}} \\ \underline{\text{mal}} \end{array} \right\}$ para o júri.

b) ? Maria cantou para o júri $\left\{ \begin{array}{l} \underline{\text{bem}} \\ \underline{\text{mal}} \end{array} \right\}$.

(100) a) Maria estudou $\left\{ \begin{array}{l} \underline{\text{bem}} \\ \underline{\text{mal}} \end{array} \right\}$ a lição que a professora marcou.

b) ?? Maria estudou a lição que a professora marcou $\left\{ \begin{array}{l} \underline{\text{bem}} \\ \underline{\text{mal}} \end{array} \right\}$.

Portanto, os advérbios bem e mal apresentam uma distribuição mais limitada, favorecendo a colocação imediatamente após o verbo.

Confrontando as considerações acima sobre o comportamento canônico dos advérbios de modo em português com as observações sobre a sua distribuição em frases com "complemento incorporado", constata-se o seguinte: esse último caso foge ao padrão típico no que concerne ao posicionamento dos advérbios em pauta. Contrariando a

norma, a colocação desses itens logo após o verbo, antes do objeto, é mais estranha que a sua distribuição depois do conjunto verbo/complemento. Mesmo em se tratando dos advérbios idiossincráticos bem e mal, que, conforme visto, favorecem a posição imediatamente depois do verbo, a conclusão acima se mantém. Ilustram muito bem isso os exemplos abaixo:

- (101) a) Você não sabe lavar roupa bem.
 b) * Você não sabe lavar bem roupa.
- (102) a) Você só sabe lavar roupa mal.
 b) * Você só sabe lavar mal roupa.
- (103) a) Ela fazia pirueta $\left\{ \begin{array}{l} \text{bem} \\ \text{muito mal} \end{array} \right\}$.
 b) ?? Ela fazia $\left\{ \begin{array}{l} \text{bem} \\ \text{muito mal} \end{array} \right\}$ pirueta.

Logo, os fatos que acabamos de descrever pedem uma explicação. E essa pode ser encontrada no que se observou anteriormente: nas construções de "objeto incorporado", verbo + objeto formam uma expressão semanticamente coesa, de tal forma que o advérbio de modo, quando presente, deve modificar o conjunto verbo/complemento como um todo, e não o verbo isoladamente. Daí a sua posição preferencial ser aquela após o nome-objeto.

Resumindo o que se viu nesta subseção, pode-se afirmar que as estruturas aqui analisadas apresentam um menor grau de transitividade que as transitivas canônicas, descritas na subseção anterior, no que se refere à caracterização do complemento verbal. Como se assinalou, o "objeto incorporado" porta vários traços que

representam estratégias de demoção do estatuto de objeto. Em síntese: o "nome incorporado" apresenta-se na sua forma básica e não vem acompanhado de determinantes, adjetivos ou quaisquer outros elementos modificadores. É um paciente menos típico, marcado como não-referencial. Não é tópico do discurso. Conseqüentemente não admite ser retomado por anáfora pronominal, quer na função de sujeito, quer na de objeto. Não comporta, ainda, a retomada pelos pronomes (o)que/quem. Sua anteposição ou clivagem mostram-se mais limitadas que nos casos de objetos canônicos. Semanticamente forma com o verbo um todo coeso; logo tem sua posição fixada imediatamente após o verbo, não aceitando vir dele separado, por exemplo, pela intercalação de advérbios de modo.